

PATRÍCIA LAGES

# SUCESSO NÃO CABE NA BOLSA

Vá além de sua conta bancária! Seja uma  
pessoa bem-sucedida desenvolvendo sua  
confiança, coragem e fé.

© Copyright

Tradução:  
?????

Revisão  
?????

Capa  
?????

Diagramação  
*Felipe Marques*

1ª edição - ??? de 2018

Editor  
*Juan Carlos Martinez*

Coordenador de produção  
*Mauro W. Terrenghi*

Impressão e acabamento  
*Imprensa da Fé*

Todos os direitos desta edição reservados para:  
Editora Hagnos Ltda.  
Av. Jacinto Júlio, 27  
04815-160 - São Paulo - SP - Tel.: (11) 5668-5668  
hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)**

---

---

Índices para catálogo sistemático:

1.

Editora associada à:



# SUMÁRIO

<i>Introdução</i> .....	5
-------------------------	---

## PARTE 1

1. Qual é a sua relação com o sucesso? .....	11
2. Conquistar é um mandamento .....	19
3. O jeitinho brasileiro e o raio “problematizador” .....	32
4. Organização: porta de entrada para uma vida de sucesso .....	41
5. Gestão do tempo .....	48

## PARTE 2

6. Abraão, o pai da fé e a nova identidade Jacó .....	61
7. Rute, profissional exemplar .....	77
8. Davi: de pastor de ovelhas a rei de Israel .....	89
9. As filhas de Zelofeade e sua luta por igualdade .....	109
10. Neemias: coragem, disposição e liderança .....	115
11. A mulher de Provérbios 31 .....	125
12. José do Egito: de escravo a governador .....	137
13. Ester: de órfã a rainha da Pérsia .....	151
14. Daniel e as quatro características que todo profissional deve ter .....	166
15. A mulher do discípulo de Eliseu .....	176

## PARTE 3

16. Vencendo o seu maior concorrente .....	189
17. Os fracassos estão nas entrelinhas .....	198

18. Abundância não é desperdício .....	208
19. A dieta financeira .....	218
20. Três chaves para o sucesso .....	222
21. Referências bibliográficas .....	231

# INTRODUÇÃO

**NOSSA VIDA É FEITA DE ESCOLHAS** e, em todo tempo, precisamos tomar decisões, desde as pequenas, como escolher o que vestir pela manhã, até as grandes, como qual profissão queremos exercer ou com quem iremos nos casar. Cada decisão que tomamos hoje contribuirá para traçar o nosso amanhã; portanto, boas decisões nos trarão sucesso, enquanto más decisões gerarão fracasso. É aí que a humanidade se divide em três grandes grupos: **os que fazem suas escolhas por conta própria** – baseados em sua intuição, sentimentos, experiências, autoconfiança etc. –, **os que se guiam pela opinião de terceiros** – por falta de confiança, baixa autoestima, timidez etc. – e **os que pautam suas escolhas na Palavra de Deus**, reconhecendo que ele está acima de tudo e de todos.

A Bíblia, na minha opinião, é o livro de empreendedorismo mais completo que existe. É onde encontramos relatos de homens e mulheres que alcançaram o sucesso mesmo diante das condições mais adversas, pois souberam fazer as melhores escolhas. José, o escravo hebreu, se tornou governador da maior potência mundial de sua época, o Egito. Davi, o jovem pastor de ovelhas, músico e poeta, transformou-se em herói de guerra e, até hoje, é o rei mais celebrado que Israel já teve. Ester, a garota órfã que se tornou rainha e salvou todo seu povo da condenação à morte, decretada pelo imperador mais poderoso do planeta.

Mas a pergunta é: o que eles fizeram para alcançar um sucesso além da conta? E mais: quais estratégias usaram para obter essa prosperidade que vai muito além das riquezas materiais? Será que foi sorte, predestinação, ou tudo isso não passa de lenda? É disso que trata este livro. Aliás, este já é um


bom momento para parar por alguns instantes e avaliar em qual dos três grupos de pessoas você tem vivido até hoje e em qual quer passar a viver daqui em diante. Você é aquela pessoa que só faz o que quer, que só faz o que os outros querem ou que busca fazer o que Deus aconselha?

A leitura deste livro promoverá momentos como o proposto anteriormente: de reflexão, autoanálise e correção de rota. Não se trata apenas de um livro que lhe trará mais conhecimento ou proporcionará frases impactantes para postar nas redes sociais e obter curtidas. Nem é um livro que lhe dará “munição” para aquelas reuniões infundáveis cujo objetivo é “discutir opiniões”. A proposta deste livro é levar você a pensar de uma forma diferente e a tomar atitudes diferentes, pois, pensando e agindo da mesma forma, os resultados serão sempre iguais.

Se você for uma pessoa cujo sucesso vai muito além da conta bancária, não precisará discutir com ninguém, nem tentar provar que está no caminho certo. As pessoas testemunharão os resultados e, obviamente, vão querer saber qual é o seu segredo. Você se tornará alguém capaz de inspirar as demais ao seu redor, e é de pessoas assim de que o mundo precisa: pessoas que **vivem** o sucesso e não apenas falem a respeito.

É possível mudar a sua história, mesmo que você esteja muito longe de onde quer chegar. Para isso, organizamos este material em três partes. Na parte 1, você encontrará cinco capítulos voltados para trabalhar o seu *mindset*. Afinal de contas, se você não inovar na sua forma de pensar e não deixar de lado conceitos e hábitos que afastam você do sucesso, nada vai mudar. A parte 2 traz dez histórias empreendedoras da Bíblia, e através delas vamos pela trajetória de homens e mulheres que fizeram a diferença em seu tempo. A razão de haver exemplos bíblicos tão diversos é justamente abranger todo tipo de situação: quem recebeu base cultural, como Moisés, que foi criado como príncipe no palácio do faraó, e quem não teve, como Rute, a viúva estrangeira que precisou recomeçar a vida em uma terra estranha. Quem teve dinheiro, como o rei Salomão, o homem mais rico da terra até os dias de hoje, e quem teve de começar do zero, como José, que foi escravo, sem direito a nenhum bem. Quem começou sozinho, como Davi, que só tinha a companhia de suas ovelhas, ou quem começou com um grupo de pessoas, como os amigos de Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que foram levados cativos para a Babilônia. E a parte 3 arremata tudo isso com dicas práticas abordando os problemas mais comuns na vida de quem empreende nos dias de hoje.

Deus fez questão de deixar registradas histórias de homens, mulheres, jovens e idosos, nas mais diversas situações para nos provar que ele não depende de condições para nos levar ao sucesso. A única condição é termos fé e visão para fazermos a nossa parte. Para começar, guarde esta frase:

“Não é a minha ta bancária que determina a minha visão; é a minha visão que determina como ir além da minha conta bancária”.







**PARTE 1**



# **QUEM É VOCÊ DIANTE DO SUCESSO?**





# 1




## QUAL É A SUA RELAÇÃO COM O SUCESSO?



*“Então, guardai e cumpri as palavras desta aliança,  
para que prospereis em tudo o que fizerdes.”*

Deuteronômio 29:9



**DIFERENTEMENTE DA CULTURA DE DIVERSAS** nações prósperas, no nosso país, o sucesso não é visto com bons olhos. E isso começa bem cedo. Na escola, o aluno que se sai bem, aprende de fato e tira boas notas é aquele que, vira e mexe, é ridicularizado pelos colegas, é considerado o “puxa-saco” dos professores, o *nerd*, o que não tem vontade própria, pois “só estuda para agradar os outros”, o boboca que “não aproveita a vida”  tudo isso por experiência própria.

Aprendi a ler e a escrever com 4 anos de idade, depois de atormentar muito a minha mãe para comprar um caderno e me ensinar reconhecer as letras, a decifrar seus sons e a formar sílabas. Logo vieram as palavras inteiras e, depois, as frases. Agora tudo fazia sentido e eu podia ler para a minha avó analfabeta as receitas do livro anual do açúcar União (sim, eu sou dessa época!) e a organizar os remédios que ela misturava de vez em quando por terem caixas parecidas. Tudo corria às mil maravilhas até que, no ano seguinte, entrei na escola.

Enquanto as crianças ficavam choramingando por terem de desenhar “bolinhas com perninha”, eu ia perguntar para a professora por que ela não

explicava logo que aquilo era a letra A, assim todo mundo ia querer aprender. A resposta inicialmente era: “Oi, minha querida, as crianças ainda não sabem, vai sentar, vai!”

Depois veio a “voltinha sobe e desce”, que ninguém chamava de letra E... Em seguida veio o I, que era o “sobe e desce com pinguinho”, e a vida foi ficando muito chata. A minha curiosidade por coisas novas foi irritando a professora ao longo do tempo e a doce frase “Querida, vai sentar, vai” se transformou na ordem “Senta, Patricia!” e, mais tarde, no grito “Cala a boca, Patricia!”

Mudei de estratégia e pensei que, se ensinasse meus colegas a fazerem logo a “parte chata”, poderíamos sair das bolinhas e curvinhas e aprender coisas novas. Preciso dizer que foi uma tragédia? Meus colegas se cansaram de mim muito mais rápido do que a professora... Foi aí que ganhei meu primeiro apelido: “sabe-tudo”. Depois de perceberem que o apelido não me incomodava mais, eles partiram para uma tática mais contundente: o ataque. E, para atacar alguém, nada melhor do que atingir seu ponto mais vulnerável. O meu era a pobreza. Meus colegas – que já não eram tão colegas assim – perceberam que eu era bem pobre e apontaram suas armas para esse alvo. “Credo, você nem tem mala, carrega as coisas nessa sacola de pano que a sua mãe fez. É melhor ser burro do que ser pobre!” Esse foi o meu primeiro contato com o conceito de que **ter** está acima de **ser**. Eu só tinha 5 anos, mas estava certa de que havia algo errado com essa ideia, embora muitos adultos, até hoje, ainda não tenham percebido isso.

Houve um dia em que minha mãe comentou a um grupo de mães na escola que nosso telhado estava com problemas e chovia muito dentro de casa. Bastou um aluno ouvir para que a notícia fosse espalhada pela sala toda e daí surgissem ataques mais elaborados: “Seu nome é Patricia ‘laje’, porque sua casa nem tem telhado!” Em seguida, formava-se o coro: “Casa sem telhado, casa sem telhado, casa sem telhado!” Comecei a sentir uma revolta muito grande por ter de passar por aquilo e descobri que teria de escolher entre ser igual àquelas crianças e procurar alguém “pior” para ridicularizar em público, ou saber que teria poucos amigos só porque nem todo mundo sabe lidar com o sucesso dos outros. Daí também surgiu uma revolta contra a pobreza e o desejo de fazer todo esforço necessário para sair daquela condição. Mas como? Eu era filha de um mecânico que gastava todo dinheiro em bebida e jogo, e minha mãe se virava como revendedora porta a porta. Que futuro eu teria?

Comecei a não querer mais ir para a escola e a inventar dores, febres e qualquer história que convencesse minha mãe a me deixar ficar em casa. Às vezes eu me irritava tanto com o *bullying* (que naquela época nem tinha esse nome), que ficava com febre de verdade... Perceber que o fato de eu saber ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas tão cedo não era visto como algo positivo, nem mesmo pela direção da escola, me desmotivou muito. Minha mãe chegou a pedir para me adiantarem um ano, mas me lembro muito bem qual foi a resposta:

“Olha, dona Maura, a sua filha não é melhor do que ninguém. A senhora precisa se preocupar por ela estar faltando, e não em querer fazer o nosso trabalho. Aliás, por que ela desenha uma família com duas mulheres e duas crianças? Cadê o pai dessa menina?”

Agora, o fato de eu saber mais do que os outros não se limitava apenas a produzir ataques contra mim, mas também contra a minha mãe. Não foi difícil notar que, quando a gente se destaca em algo, seja lá o que for, causa desconforto em muitas pessoas. Com isso, elas tentam nos diminuir, justificando que estão nos colocando “no nosso lugar”, mas a verdade é outra: elas querem nos colocar em um lugar que seja confortável para elas, isto é, abaixo delas ou, no máximo, no mesmo patamar. Se você quiser subir, saiba que esse tipo de pessoa sempre estará por perto para puxar você para baixo. Ah! Sobre as figuras retratadas nos meus desenhos de família, eram minha mãe, minha avó Maria, eu e minha irmã Sandra. Meu pai saía antes de acordarmos e, quando ele voltava, já estávamos dormindo. Família, para mim, era quem estava comigo no meu dia a dia, e meu pai quase nunca estava presente. Nada a ver com a imaginação superfértil da diretora da minha escola.

Essa cultura de não valorizar as qualidades das pessoas e da falta de dedicação ao trabalho faz com que o progresso seja visto com maus olhos. Muita gente é capaz de sentir raiva de quem é bem-sucedido e, com isso, cria-se uma barreira mental contra o sucesso que, na visão geral da cultura brasileira, somente é alcançado com fraude, desonestidade, exploração dos mais pobres etc. E as mulheres bem-sucedidas ainda enfrentam um rótulo extra: só subiram na vida porque deitaram na cama do “homem certo”. São conceitos mesquinhos, primários e totalmente equivocados, mas que, infelizmente, estão enraizados na mente de muitos brasileiros desde a infância e que infelizmente não se apagam à medida que as pessoas crescem.

Quando entramos no mercado de trabalho, o *bullying* só aumenta. Quem faz mais do que sua função exige é chamado de “caxias”, um bocó explorado pela empresa, um capacho do chefe, um lambe-botas qualquer. O bom trabalho não é incentivado ou copiado; ao contrário, é ridicularizado e diminuído. O que vale hoje é a “esperteza” de garantir o salário fazendo o mínimo esforço – e, se possível, não fazendo nada – e colocar a culpa dos fracassos da vida no governo, no patrão, na má sorte etc.

A religião também tem contribuído, há séculos, para a disseminação da ideia de que riqueza é pecado. Para isso, tem usado até mesmo a Bíblia, interpretada de maneira superficial, para justificar o “perigo das riquezas”. Há duas passagens, em especial, que demonstram bem isso, vamos à primeira:

*“Então Jesus disse aos discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no Reino do Céu. E outra vez vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19.23–24).*

Muitos têm usado esse trecho isolado para “provar” que o próprio Jesus afirmou que os ricos irão para o inferno e, portanto, que riqueza é algo que vai acabar com as chances de um cristão passar a eternidade com Deus. Há muito o que se mencionar para fazer esse conceito cair por terra facilmente. Um dos pontos é que as grandes personagens bíblicas foram extremamente ricas, como veremos alguns exemplos na parte 2 deste livro. Mas vamos nos ater à própria passagem e seu contexto.

O Senhor Jesus fez essa afirmação logo após seu encontro com um jovem que tinha muitas riquezas (Mt 19.16–22) e que havia se aproximado dele para saber como alcançar a vida eterna. Ainda que o jovem fosse religioso e obediente aos mandamentos, Jesus sabia que ele tinha o coração apegado aos bens materiais e, o fato de colocar suas riquezas acima de Deus, é que o afastava da salvação. E isso era tão verdadeiro que, depois de ter recebido a instrução de abrir mão de seus bens e seguir Jesus, o jovem optou por afastar-se dele.

É bem verdade que há pessoas que se afastam de Deus por causa das riquezas, mas isso nada tem a ver com o fato de serem ricas, mas, sim, de colocarem os bens materiais acima da vida espiritual. Por outro lado, os judeus da época consideravam as riquezas como dom divino e, portanto, acreditavam que os ricos entrariam mais facilmente no Reino de Deus. Jesus, porém,

deixou claro que a salvação não depende de classe social, mas, sim, de uma fé capaz de mudar comportamentos fazendo com que as pessoas coloquem Deus em primeiro lugar, pois Ele não abre mão dessa posição. Ou ele é o primeiro, ou a pessoa não faz parte de seu Reino.

A segunda passagem acabou virando até ditado popular que a humanidade repete há séculos sem saber que a palavra principal na frase foi simplesmente excluída. O ditado diz que “o dinheiro é a raiz de todos os males”, mas a passagem bíblica afirma:

*“Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e por causa dessa cobiça alguns se desviaram da fé e se torturaram com muitas dores” (1Tm 6.10).*

Esse trecho, quando mal interpretado, é suficiente para fazer muita gente se conformar com sua condição de pobreza. Mas, quando lemos a passagem completa, nós nos damos conta muito facilmente de que, mais uma vez, o problema não são as riquezas, mas a **cobiça** e o **amor** ao dinheiro. Mas será que cobiça e amor ao dinheiro é algo inerente aos ricos? Será que os pobres jamais cobiçam coisa alguma e nunca se apegam ao pouco que têm? Ora, a cobiça é inerente ao ser humano, independentemente de sua posição social e de sua conta bancária. Portanto, cabe a cada um de nós, sejamos pobres, da classe média ou ricos, lutarmos para que a cobiça não se desenvolva dentro de nós.

## FAÇA AS PAZES COM O DINHEIRO

Se existe uma coisa que afasta o sucesso da vida das pessoas, é a má relação que elas têm com o dinheiro. E nisso os brasileiros são especialistas! Ao longo da história, nosso país produziu frases, conceitos e ideias que nos afastam do sucesso em nome de uma suposta “boa imagem”, já que ser rico é sinônimo de algo muito ruim. Certamente você já ouviu (e deve ter repetido muitas e muitas vezes) a sonora frase “Dinheiro não traz felicidade”. Pois bem, sabemos que a felicidade não depende apenas das coisas que o dinheiro pode comprar; isso é óbvio. Mas pense comigo: se dinheiro não traz felicidade, isso significa dizer que a pobreza traz? As pessoas costumam ir muito para os extremos e se esquecem de manter os pensamentos em equilíbrio. Prova disso é que, quando alguém fala que dinheiro traz felicidade, há sempre quem exponha um extremo do tipo: “É melhor ter um filho com saúde dormindo

numa caixa de sapato do que ter um bebê doente em um berço de ouro”. Está bem, mas por que uma coisa precisa sempre anular a outra? Será que não é possível ter as duas coisas? Será que o filho do rico nasceu doente pelo “castigo” de ter um berço privilegiado, e o do pobre, para compensar sua “má sorte”, veio com saúde? Você acredita mesmo nisso? Em Provérbios 10.22, Salomão registrou: “A bênção do Senhor enriquece sem trazer dor alguma”.

Temos de abolir o pensamento de que riqueza é sinônimo problema. Se as riquezas foram alcançadas com honestidade e com a bênção de Deus, não virão acompanhadas de nenhum “castigo”; é isso o que afirma o provérbio.

Já ouvi muitas pessoas dizendo, ao final de uma palestra minha ou durante um curso, que não querem riqueza porque “dinheiro é dor de cabeça para o resto da vida”. E a minha pergunta para essas pessoas é sempre a mesma: “A dor de cabeça de vocês passa quando tomam ‘pobretil’, ‘miserioli’ ou ‘necessigina’?” Porque, se dinheiro traz muita dor de cabeça, então ser pobre é a solução, ou estou enganada?

Tive o prazer de criar o curso “Como e Quanto Cobrar”, em parceria com Luciene Scherer, uma consultora gaúcha com um currículo invejável, que me ensinou que há coisas que as pessoas só aprendem no “joelhaço”, ou seja, levando um tranco. E que é melhor que esse golpe seja dado por nós, em um curso, do que pela vida. E é a mais pura verdade. Aprendi a lidar melhor com minhas finanças depois de um joelhaço da vida real, onde perdi tudo e me vi numa situação em que não tinha dinheiro nem para comer. Realmente eu teria preferido mil vezes ter levado esse tranco em um curso, por isso não poupo joelhaços para acordar as pessoas! Só consegui sair daquela situação depois de entender que eu tinha direito a uma segunda chance e que, embora tivesse fracassado em um negócio, minha vida não precisava ser um fracasso para sempre. Se eu não tivesse mudado minha mente, nunca teria tido sucesso além da minha conta bancária. Tudo começa do lado de dentro, pois **a maneira como penso, decido e reajo contribuirá decisivamente para ter sucesso ou não.**

No curso, Luciene quebra várias barreiras que muitos têm em relação ao dinheiro, e uma das frases de que gosto muito é: “Se o teu dinheiro não está te trazendo felicidade, é porque tu estás gastando errado”. Bem gaúcho e bem real! Pense: quando gastamos nosso dinheiro em coisas boas, é claro que ficamos felizes. Por exemplo: minha irmã viveu quase dezoito anos no exterior e, quando as pessoas se inteiravam de que ela morava no México,



logo calculavam a distância em horas, mas eu calculava em dólares. Para mim, minha irmã não estava a nove horas de distância do Brasil, mas a três mil dólares; afinal, eu poderia ter muitos dias de férias, mas, se não tivesse o dinheiro da passagem, não poderia visitá-la. E todas as vezes que pude dispor dessa quantia para vê-la, era sempre uma alegria imensa. Então, onde está a prova de que dinheiro não traz felicidade? Esqueça esse conceito!

Antes de mais nada, permita-se ser uma pessoa de sucesso. Permita-se ter dinheiro sem sentir peso na consciência. Aliás, esse curso foi criado por vermos que o número de empreendedores com dificuldade para cobrar por seus produtos e serviços é enorme. As pessoas não se acham merecedoras de ganhar dinheiro e, sem perceberem, se autossabotam quando vão precificar seu trabalho ou quando aceitam um salário abaixo do que merecem (grife esta frase com um marca-texto!). Com isso, não é difícil encontrar pessoas que trabalham muito, mas lucram pouco, que não fazem corpo mole quando têm de virar noites trabalhando, mas que perdem o sono quando precisam elaborar um orçamento e mais ainda quando precisam cobrar um cliente inadimplente. Pergunte a qualquer empreendedor que ainda não decolou qual é a parte mais chata do trabalho dele e, provavelmente, a resposta será algo ligado a dinheiro: cuidar do financeiro, pagar as contas, elaborar orçamento, fazer cobrança.

Você percebe como tudo o que envolve dinheiro tem uma certa névoa ao redor? Mas a questão é: como podem existir tantos tabus em relação ao dinheiro se ele é produto do nosso trabalho e se não é possível vivermos sem ele? Se não fizermos as pazes com o dinheiro, viveremos nesse conflito de depender de algo que nos faz mal ou de desejar algo que nos produz culpa. Dessa forma, como poderemos ser pessoas de sucesso?

Em seu livro *Qual é a tua obra?*, o filósofo Mario Sergio Cortella fala sobre a busca do sentido no mundo do trabalho e conclui que a espiritualidade é necessária. Ele define espiritualidade como:

“a capacidade de olhar que as coisas não são um fim em si mesmas, que existem razões mais importantes do que o imediato. Que aquilo que você faz, por exemplo, tem um sentido, um significado. Que a noção de humanidade é uma coisa mais coletiva, na qual se tem a ideia de pertencimento e que, portanto, o líder espiritualizado – mais do que aquele que fica fazendo meditações e orações – é aquele capaz de olhar o outro como o outro, de inspirar, de elevar a obra, em vez de simplesmente rebaixar as pessoas”.

Entendo que só é possível nos livrarmos desses fantasmas quando elevamos a nossa obra, o nosso trabalho, e damos a ele um sentido espiritual. Ou seja, não se trata de trabalhar por dinheiro, mas de conquistar, por meio do nosso trabalho, tudo aquilo que precisamos e desejamos, o que inclui dinheiro e sucesso. Essa “culpa cristã” causada pela má interpretação de trechos da Bíblia tem afastado muitas pessoas da prosperidade, quando, na verdade, as promessas de Deus a respeito do trabalho não vêm carregadas de culpa.

*“Pois comerás do trabalho das tuas mãos; serás feliz, e tudo te irá bem”*  
(Sl 128.2).

Então, por que no meio cristão vemos tanta gente passando necessidade, mesmo com o famoso Salmo 23 na ponta da língua: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”? O que está acontecendo? Será que as promessas de Deus envelheceram ou o tempo em que elas se cumpriam terminou? Claro que não!

A questão é que muitos cristãos não creem que as promessas de Deus, no que diz respeito à vida financeira, podem se realizar em sua vida. Elas dão mais crédito aos ditados populares e aos ensinamentos distorcidos de muitos do que à própria Palavra de Deus. Com isso, vivem repetindo que “o pouco com Deus é muito” e se conformando com sua situação de escassez. Ora, o Deus da Bíblia não é o Deus do pouco; ao contrário, tudo o que vem dele é grande. Além disso, Deus tem prazer em levantar o caído, fazer o necessitado prosperar e dar o melhor a seus filhos.

*“Do pó levanta o pobre, e da miséria ergue o necessitado, para fazê-lo sentar-se com os príncipes, sim, com os príncipes do seu povo”* (Sl 113.7-8).

Deus levanta, ergue e, quando faz sentar (não cair), é para estar no meio de príncipes, ou seja, nos melhores lugares. Cabe a cada uma de nós dar ouvidos às promessas de Deus, nos livrar dos preconceitos, obedecer aos mandamentos divinos e estar dispostas a fazer as pazes com o sucesso, sabendo que, embora não sejamos merecedoras de nada, é vontade do Pai que tenhamos o melhor. E esse melhor é fruto de fé, trabalho, empenho e perseverança. Você está disposta a conquistar o seu lugar? Então vamos em frente!

Sua opinião é importante para  
nós. Por gentileza, envie seus  
comentários pelo e-mail  
editorial@hagnos.com.br



Visite nosso site: [www.hagnos.com.br](http://www.hagnos.com.br)

Esta obra foi composta na  
fonte Adobe Caslon, corpo 11,5.  
Foi impressa na Imprensa da Fé.  
São Paulo, Brasil.  
Outono de 2018